

As fragilidades do DF

» MARIANA LABOISSIÈRE

A época de chuva é sinônimo de transtorno no Distrito Federal. Entre eles, os alagamentos, como o registrado na última terça-feira, quando uma forte chuva causou impactos no trânsito, provocou danos a edificações na cidade e interdição de salas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília (UnB). A dissertação de mestrado do engenheiro ambiental e geotécnico Pedro Henrique Lopes Batista, apresentada na UnB este ano, mostra que os moradores da Asa Norte, de Taguatinga e de Vicente Pires são os que mais devem se preocupar com o período das águas. Nessas regiões, há maior probabilidade de alagamentos e inundações quando a meteorologia prevê chuva forte na cidade.

No temporal de terça-feira, o Câmpus Darcy Ribeiro da UnB, na Asa Norte, teve várias salas alagadas. Alunos contam que essa foi a segunda vez em menos de um ano no prédio de artes cênicas. “Estávamos esperando uma segunda aula quando a chuva começou e desconfiamos que alagaria de novo. Arrastamos móveis, mas muita coisa molhou, como retroprojetor, computadores”, contou a estudante de artes Yasmin Barroso. “Para piorar, nós tínhamos apresentação marcada para amanhã (hoje). Estávamos com cenário montado e agora não sabemos como será”, lamentou o colega de Yasmin, Paco Leal. A assessoria de imprensa da UnB informou que as aulas seriam retomadas no início da tarde de ontem, quando o prédio afetado seria reaberto aos estudantes.

No estudo, Pedro Batista identificou que esses episódios têm mais relação com a falta de manutenção da drenagem pluvial pelo GDF do que com as características de relevo e de solo de cada região. A partir de uma metodologia inédita, baseada em reportagens produzidas pelo *Correio Braziliense* ao longo de 14 anos, o engenheiro ambiental conseguiu mapear 385 pontos de ocorrências de alagamentos e inundações no DF, dos quais se destacaram a via de acesso à Vicente Pires, na Estrada Parque Taguatinga (EPTG); e quatro tesourinhas na Asa Norte — 201/202; 209/210; 211/212 e 215/216 (veja ilustração). A 511 Norte também foi referenciada no trabalho como a que protagonizou os piores episódios de alagamento de 1999 a 2013.

Obras necessárias

“Isso ocorre, porque a quadra é caminho preferencial de fluxo e recarga do nível de água do córrego que corta o Parque Olhos d’Água”, explica o estudioso. “Por isso, como forma de amenizar o problema, seria necessária a construção de um sistema de drenagem pluvial com manuten-

Breno Fortes/CB/D.A Press - 28/11/11

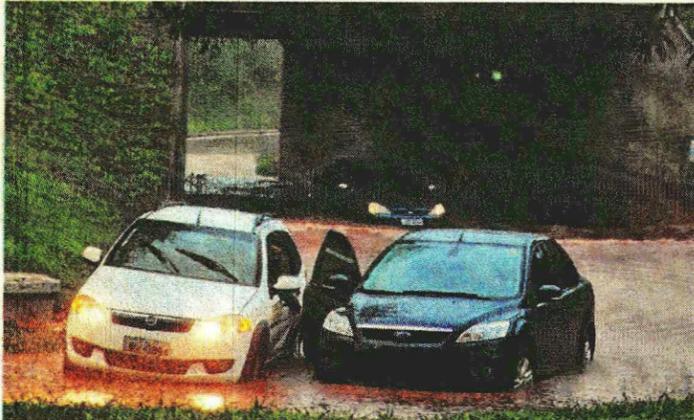


Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Yasmin e Paco: a chuva alagou o prédio de artes cênicas da UnB

Breno Fortes/CB/D.A Press - 27/12/13



201/202 Norte: os automóveis não conseguem passar na tesourinha

Minervino Júnior/CB/D.A Press



O engenheiro Pedro Batista sugere obras de infiltração para sanar os problemas na Asa Norte

Tesourinha da 115/116 Norte: um ponto de alagamento recorrente quando chove na cidade

Inventário com notícias

A dissertação de mestrado do engenheiro ambiental Pedro Batista demorou um ano e meio até ficar pronta, principalmente em função da construção do que chamou de inventário de alagamentos e inundações, que, na prática, pode ser compreendido como uma imensa tabela com registros dos incidentes, com base nas reportagens do *Correio*. Na tabela, estão a data das notícias, o nome dos autores, os endereços dos fatos e a quantidade de chuva naqueles períodos. Mas nem todas as informações coletadas no inventário foram adquiridas somente por meio do jornal. “Elas (as reportagens) foram um ponto de partida. Depois, precisei procurar outros órgãos, como a Caesb (Companhia de Saneamento Ambiental do DF) e o Inmet (Instituto Nacional de Meteorologia), para coletar mais dados sobre os eventos”, exemplificou.

A partir do inventário e com auxílio do orientador, o professor do Departamento de Engenharia Civil e Ambiental da UnB Newton Moreira de Souza, Batista produziu vários mapas em busca de padrões. Verificou, por exemplo, que a maior parte dos danos constatados às edificações envolviam rachaduras, trincas e prejuízos nos acabamentos. Durante o período de pesquisa, apenas um desabamento foi registrado, em uma casa no Setor Habitacional Arniqueiras em 2008. Na ocasião, choveu 37,8mm, em 24 horas, o que ocasionou uma inundação no Córrego Vereda da Cruz. “O fenômeno provocou um colapso do solo, o que afetou a casa”, esclareceu Batista. Nesse ponto, diferentemente da maioria das ocorrências, o tipo de solo e o relevo influenciaram o episódio.

Alagamentos

Regiões com maior probabilidade

- 1 Asa Norte*
- 2 Taguatinga
- 3 Vicente Pires

Investimentos do GDF em drenagem

R\$ 2,383 milhões**
R\$ 175,3 mil
R\$ 18,5 mil

* Região com maior probabilidade de alagamento e inundação no Plano Piloto

** De acordo com a Novacap, valor total destinado à drenagem pluvial nas asas Norte e Sul em 2014

REGIÕES COM MAIOR NÚMERO DE OCORRÊNCIAS



- | | | | |
|---|---|--|---|
| 1 Via de acesso a Vicente Pires, na EPTG | 6 | 6 Tesourinha 215/216 Norte | 4 |
| 2 SAM, próximo ao Autódromo Nelson Piquet | 5 | 7 W3 Norte, próximo à SEPN 511 Norte | 4 |
| 3 Tesourinha 201/202 Norte | 5 | 8 Embaixo da Ponte do Brageto, na W3 Norte | 4 |
| 4 Tesourinha 209/210 Norte | 5 | 9 Via de ligação STN, Asa Norte | 4 |
| 5 Tesourinha 111/212 Norte | 4 | | |

Editoria de Arte/CB/D.A Press



Valor médio do investimento anual do Governo do DF em obras de drenagem pluvial

ção recorrente, além de obras de infiltração, como pavimentos drenantes, valas, colchões e trincheiras drenantes”, completou.

De acordo com a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), é possível constatar que as áreas prioritárias destacadas pelo engenheiro recebem investimentos governamentais de formas distintas. Segundo ela, por ano, o Governo do DF investe, em média, R\$ 15 milhões em obras de drenagem pluvial. Em 2014, o Plano Piloto foi contemplado com R\$ 2,383 milhões, e Vicente Pires, R\$ 18,5 mil — quantidade 12 vezes menor do que a destinada ao centro da capital.